

indicadores de competência social. Seu recorte de análise do comportamento social, tal como ocorre tipicamente nesta literatura, é ao nível do comportamento individual: a presença de (certas) competências sociais no indivíduo determina o estabelecimento de amizades - como está implicado, por exemplo, nesta conclusão: "A maioria das crianças que perderam amigos devido à separação os substituíram por outros amigos recíprocos. Este dado sugere que crianças que têm habilidades para formar uma amizade podem formar outras" (Howes, 1987, p. 66). Curiosamente, o nível de análise permanece o mesmo quando Howes verifica que

"As crianças que mantiveram uma proporção grande de suas amizades pareceram mais competentes socialmente do que as crianças que perderam seus amigos devido à separação. Isto sugere que, nestas crianças pequenas, algumas habilidades sociais podem ser **próprias de ("particular to") relações diádicas**. Na ausência da relação, a criança pode **parecer** menos competente socialmente" (p.67, grifos meus)

Ou seja, embora esbarre na idéia de que o dado esteja indicando uma propriedade da *relação*, e não do indivíduo, a interpretação permanece ao nível da análise individual: já que a competência está *na criança*, esta apenas *parece* menos competente.

Está fora do âmbito deste texto mais do que sugerir uma incursão empírica a partir dos argumentos expostos acima, no sentido de testar a possibilidade de uma abordagem psicológica dos fenômenos sociais que escape tanto da redução ao intra-individual como da confusão que decorre do recurso a conceitos supra-psicológicos sem especificação do nível de análise em que se está operando.³

III. Rito e Comunicação

No ítem anterior exploramos algumas implicações

³ *Tentativas nesse sentido encontram-se em Carvalho (1992) e Carvalho (1993).*

metodológicas e conceituais que decorrem da consideração da especificidade da sociabilidade humana. Tentaremos desenvolver aqui algumas outras implicações, que decorrem desta vez da consideração da natureza do comportamento social sob o ponto de vista etológico, em termos de exigências e soluções adaptativas que ele engendra.

A característica definidora do comportamento social, como já foi indicado, é o fato de existir alguma forma de regulação do comportamento do indivíduo por um outro membro da espécie. São possíveis muitas formas de regulação: desde uma relação do tipo estímulo-resposta, em que uma particularidade do co-específico ou sua simples proximidade desencadeia uma reação, até formas complexas como as que se apresentam no caso do ser humano, em que, além da presença/ausência, peculiaridades e comportamento do parceiro, estão presentes também normas, valores e outros fatores mediados pela capacidade de simbolização.

Apesar dessa diversidade, o comportamento social apresenta uma exigência funcional comum: a troca de informações entre os parceiros, que permite a regulação recíproca. Na maioria das espécies, essa troca se refere a estados motivacionais: para regular o comportamento do outro (sem nenhuma implicação de intencionalidade), o organismo oferece informação sobre seu estado motivacional que permite ao outro antecipar suas ações (sem nenhuma implicação de consciência) e sobre esta previsão efetuar sua resposta. *Essa*, em uma formulação simplificada, é a função biológica de qualquer comportamento comunicativo.

Como pode o processo de evolução criar mecanismos que satisfaçam essa exigência? Um exemplo fascinante dessas possibilidades é o processo que foi chamado na Etologia de *ritualização*. Para compreender este conceito podemos partir da reflexão sobre algumas características do fenômeno "comportamento social".

O que cria a necessidade de regulação mútua - e portanto de comunicação - é o fato de que o co-específico não é um estímulo univalente. Pelo contrário, tipicamente ele é ambíguo, isto é, tem uma diversidade de significados potenciais. Pode ser companheiro de atividades ou rival, parceiro sexual ou vizinho hostil; pode, portanto, despertar emoções ou motivações contraditórias - medo, raiva (agressividade), atração, cumplicidade. Isto equivale a dizer que o co-específico é, frequentemente, fonte de conflito motivacional, ou seja, de presença simultânea de tendências motivacionais incompatíveis ou contraditórias entre si.

Como se comportam os organismos em situação de conflito? Nestas situações ocorrem tipicamente certos padrões de comportamento que os etólogos agruparam em três categorias: *movimentos de intenção, atividades deslocadas e respostas autonômicas*.

Na presença de impulsos conflitantes, o animal pode alternar ou combinar componentes dos padrões desencadeados pelas tendências presentes: diante de um rival, dividido entre o medo e a raiva (agressividade), ele avança e recua, como se não pudesse decidir qual dos dois cursos de ação é mais conveniente, ou como se o medo "brecasse" a consumação do ataque. Diz-se, então, que o animal apresenta *movimentos de intenção* de ataque e de fuga. Um exemplo clássico é a postura do gato acuado, que combina o arreganhar de dentes característico da tendência agressiva ao recuo corporal característico da fuga, expresso na curvatura da coluna.

Podem ocorrer também *comportamentos deslocados*, ou seja, comportamentos irrelevantes em relação a qualquer das tendências motivacionais presentes, como que válvulas de escape para o conflito: no meio do confronto com um rival, o galo esgaravata e bica o chão, como que procurando alimento; o aluno, nervoso na situação de prova, morde a caneta ou coça a cabeça; a criança,

intimidada e ao mesmo tempo atraída por uma situação nova, chupa o dedo.

A tensão do conflito pode eliciar ainda respostas do sistema nervoso autônomo: suor, eriçamento de pelos, enrubescimento ou palidez decorrentes de mudanças na circulação periférica etc.

Por serem expressões de estados emocionais (motivacionais) conflitantes, estes comportamentos ofereceram à evolução matéria-prima para a criação de sinais, ou comportamentos com valor comunicativo. Em uma espécie social, a expressão de uma emoção, estado ou tendência comportamental é sempre, potencialmente, um sinal - basta que o outro (o receptor) a interprete como tal. "A lágrima não é expressão, é signo", diz Roland Barthes (1977). Esta constatação, verdadeira em si mesma, omite a história de criação desse signo: é porque é ou foi expressão que a lágrima comunica algo. No caso particular da lágrima, essa história se repete na ontogênese de cada indivíduo: aprende-se o poder das lágrimas, suas várias formas e como usá-las⁴. No caso de muitos outros sinais, a história dá-se na filogênese da espécie; é a esta história que se refere o conceito de ritualização.

A palavra "ritualização" foi, evidentemente, emprestada da idéia de rito, que é sugerida pelo caráter cerimonial, rígido ou estereotipado que se observa nas seqüências de comportamentos apresentadas por animais sociais em situações de cortejamento, confronto agonístico e outras. "Ritualização" refere-se ao processo através do qual certos comportamentos se modificaram, no decorrer

4 "Pour dire 'pleurer' est trop gros; peut-être ne faut-il pas renvoyer tous les pleurs à une même signification, peut-être y a-t-il dans le même amoureux plusieurs sujets qui s'engagent dans des modes vains, mais différents, de 'pleurer'. Quel est ce 'moi' qui a 'les larmes aux yeux'? Quel est ce autre qui, telle journée, fut 'aux bord des larmes'? Qui suis je moi qui pleure 'toutes les larmes de mon corps'? ou verse à mon rival 'un torrent de larmes'? Si j'ai tant des manières de pleurer, c'est peut-être que, lorsque je pleure je m'adresse toujours à quelqu'un, et que le destinataire de mes larmes n'est pas toujours le même; j'adapte mes modes de pleurer au type de challenge que par mes larmes, j'entends exercer autour de moi" (Barthes, 1977, p. 114-115).

da história filogenética de uma espécie, na direção de adquirirem valor de sinal ou valor comunicativo, tornando-se assim "comportamentos ritualizados". A reconstrução desse processo é possibilitada pelo estudo comparativo de espécies relacionadas nas quais se verificam diferentes estágios de ritualização em um determinado comportamento ou sequência comportamental.

Um exemplo clássico dessa reconstrução - o da cerimônia de incitamento em patos - é assim sintetizado por Lorenz (1966, p. 277-278):

"Em sua forma primária (a cerimônia) consiste de padrões de comportamento motivados por pelo menos três fatores independentes. A fêmea corre agressivamente na direção de um rival, mas é dominada pelo medo, e volta correndo para perto de seu macho. No momento em que restabelece o contato com ele, sua coragem se renova, e ela volta a ameaçar a rival. Na forma primária, que é observada em *"sheldrakes"* as partes componentes variam em intensidade e duração e as atitudes da fêmea dependem exclusivamente das posições espaciais em que ela própria, o macho e a "inimiga" se encontram. São igualmente possíveis todos os ângulos entre seu corpo e a direção em que ela estica o pescoço ao ameaçar a outra. Há, no entanto, um caso padrão que ocorre mais frequentemente: ao correr de volta para perto do macho, a fêmea para diante dele sem virar o corpo, quase tocando o macho com seu peito, e então volta o pescoço para trás, esticando-o ameaçadoramente na direção de sua inimiga. Em muitas espécies de patos, este caso especial de coordenação motora (em que o pescoço da fêmea ao ameaçar forma um ângulo agudo com o eixo de seu corpo) foi fixado como padrão obrigatório (tornando-se portanto independente da posição espacial da rival). Diz-se, então, que este gesto de ameaça está ritualizado nessas espécies".

Este exemplo ilustra as características principais do processo de ritualização. A partir de um comportamento desencadeado originalmente por uma situação de conflito (no caso, um movimento de intenção de ataque) e cuja forma, intensidade e orientação são

moduladas pelas motivações presentes e pelo arranjo ambiental efetivo, a evolução produz um padrão simplificado, emancipado dos fatores ambientais que determinavam sua variabilidade - e portanto mais rígido ou estereotipado. A funcionalidade dessas modificações reside na acentuação das propriedades comunicativas da ação: quanto mais nítido, invariável e conspícuo for um gesto comunicativo, menor o risco de ambiguidade em sua interpretação e portanto maior sua eficácia.

Este modelo permite analisar e compreender inúmeras sequências comportamentais que à primeira vista parecem misteriosas, intrigantes, sem sentido: encadeamentos de gestos elaborados, exagerados, verdadeiras danças que muitos animais exibem, principalmente em situações de confronto agonístico e de cortejamento, e cujo significado funcional é a possibilidade de regulação mútua através da comunicação.

Diversos recursos podem ser utilizados pela evolução para ritualizar padrões de comportamento: mudanças na frequência, intensidade, velocidade ou duração do gesto; repetição rítmica; omissão de componentes, mudanças na sua coordenação, ordem ou orientação em relação ao ambiente; exageramento de componentes, tornando o gesto mais conspícuo; emancipação da motivação original; mudanças em estruturas corporais de forma a acentuar ainda mais a conspiciência do gesto. Exemplos desses processos são abundantes na literatura da área e não cabe aqui analisá-los em maior detalhe. Basta enfatizar os efeitos comuns desses vários tipos de mudança: o gesto ritualizado adquire uma característica estereotipada, simplificada, uma forma e intensidade típicas, o que acentua suas propriedades comunicativas e reduz a ambiguidade em sua interpretação. Ao mesmo tempo, ao se emancipar dos fatores motivacionais que originalmente o regulavam, ele como que *apaga a história de sua construção*; deixa de ser a *expressão* daquela(s)

motivação(ões) e passa a *representá-la(s)*. Neste sentido, pode-se dizer que o comportamento ritualizado é uma forma de representação, um precursor do símbolo na natureza.

O reconhecimento desta característica levou diversos autores (cf. por exemplo Huxley, 1966) a apontarem analogias entre o processo filogenético de ritualização e os processos através dos quais são construídos padrões funcionalmente equivalentes aos comportamentos ritualizados - isto é, padrões com função comunicativa - na ontogênese e na história cultural do homem. Nesses processos também se observam as características de simplificação, rigidificação e libertação dos contextos originais, bem como o efeito funcional sobre a eficácia comunicativa dos padrões produzidos e sobre seu poder de regulação na interação social. Montaigner (1978), por exemplo, aponta essas características no processo pelo qual se diferenciam gestos de ameaça e de apaziguamento no decorrer da troca social entre crianças pequenas. A história cultural de gestos e rituais de saudação, de submissão, de dominância e muitos outros também pode ser analisada sob esta perspectiva (Eibl-Eibesfeldt, 1978; Lorenz, 1966); as mesmas propriedades podem ser identificadas ainda nos processos de diferenciação de códigos que sinalizam o pertencimento a subgrupos sociais ou micro-culturais (por exemplo, os modos de vestir, gestos, vocabulário etc. que diferenciam os vários subgrupos da "cultura jovem" na sociedade moderna) e na própria história das línguas.

Evidentemente estas analogias não implicam identidade dos fatores subjacentes a esses vários níveis de fenômenos: não podemos transpor os mecanismos identificados no estudo do processo filogenético de ritualização para a explicação de processos ontogenéticos ou culturais análogos. As analogias nos levam, no entanto, a refletir sobre a natureza dos sistemas comunicativos e sobre suas exigências e propriedades básicas. Elas sugerem, por exemplo,

que qualquer sistema comunicativo, por mais plástico e arbitrário que pareça, requer um compromisso dinâmico entre plasticidade e rigidez, inovação e conservadorismo: um certo grau de rigidez ou estabilidade é necessário para assegurar o compartilhamento, e portanto a função comunicativa do sistema, seja ele um ritual de cortejamento ou um signo de moda. Os tempos de construção desses sistemas podem ser muito diferentes, mas suas funções e propriedades básicas são semelhantes. As analogias ressaltam ainda um outro fato fundamental: a construção e modificação de um sistema comunicativo é *sempre* um empreendimento coletivo (ou social) seja ao nível da filogênese, da ontogênese ou da história cultural. Em qualquer desses casos, é na interação com o outro, e através dela, que o sistema se constitui; e, também em qualquer desses casos, essa constituição é um processo de permanente transformação, ainda que em tempos diferentes.

As analogias em termos de função também sugerem alguns pontos de interesse. Como mostra Lorenz (1966), duas propriedades funcionais importantes decorrem da função comunicativa básica do comportamento ritualizado. Por um lado, ele regula os contatos sociais entre indivíduos de forma a minimizar seus riscos (por exemplo, na agressão ritualizada, em que o confronto resolve-se através de exhibições de ameaça, sem chegar à luta corporal potencialmente danosa) e/ou a maximizar sua funcionalidade (por exemplo, no cortejamento e outros processos de familiarização entre indivíduos inicialmente estranhos, em que a aproximação mediada por gestos ritualizados permite a superação do conflito entre medo, agressividade e atração). Exemplos dessas propriedades funcionais no comportamento animal são abundantes na literatura: no caso do ser humano, elas tendem a passar despercebidas na vida cotidiana, mas sua importância é facilmente reconhecida quando estão ausentes (por exemplo, no encontro entre indivíduos de culturas diferentes, que

não compartilham os mesmos códigos ritualizados) e é apontada por pesquisadores de diferentes orientações teóricas (Goffman, 1959; Laing, 1966).

A segunda função apontada por Lorenz é a de coesão e identidade grupais. Qualquer código comunicativo tem, simultaneamente, um efeito de ligação e um efeito de separação entre indivíduos: ele liga os indivíduos que o compartilham e os separa daqueles que não o compartilham. Em alguns casos, o compartilhamento ocorre entre todos os membros de uma espécie - e eventualmente até entre membros de espécies diferentes (por exemplo, várias expressões emocionais de um chimpanzé são decodificadas por qualquer criança). Em outros casos, identifica e diferencia subgrupos ou mesmo pares de indivíduos que mantêm certos tipos de relação. As consequências funcionais particulares variam nesses vários casos - desde o isolamento reprodutivo (o não-compartilhamento dos ritos de cortejamento impede ou dificulta a aproximação de indivíduos de espécies ou de grupos sociais diferentes) até o fortalecimento de laços interpessoais.

Um caso particular de construção de sistemas comunicativos que exemplifica diversos pontos discutidos acima e, ao mesmo tempo, aponta caminhos para uma reflexão a partir deles é o da relação mãe-bebê, focalizada do ponto de vista de seu papel na constituição da criança como ser comunicativo, membro de um grupo com identidade sócio-cultural própria. As especificidades dessa relação no ser humano já têm sido alvo de muita investigação e não cabe retomá-las aqui ⁵. Basta apontar alguns aspectos do processo de comunicação que nela se estabelece. Desde o início da vida do bebê, mãe e filho engajam-se em um processo de construção de códigos comunicativos, a partir da interpretação da mãe sobre os

⁵ Para uma visão sintética dessa relação do ponto de vista etológico, ver Carvalho (1988a).

comportamentos do bebê e suas relações com o contexto. Uma parte desses códigos será totalmente idiossincrática, partilhada apenas por aquela mãe e aquele bebê e portanto funcional apenas naquela relação. A mãe, no entanto, não é um ser isolado: ela pertence a um grupo social, cuja identidade sócio-cultural partilha; sua atividade interpretativa necessariamente reflete essa identidade, o que possibilita a introdução, no sistema comunicativo que está sendo construído entre a mãe e a criança, de códigos culturalmente ritualizados, o que por sua vez presta a identidade sócio-cultural dessa criança. A aquisição da linguagem é o exemplo mais claro - mas evidentemente não o único - desse processo.

Pode-se dizer que, em um primeiro momento da história de uma relação, quando a comunicação é basicamente idiossincrática, a existência da relação é condição para a ocorrência de comunicação; a presença do parceiro individualmente conhecido é, por isto, uma necessidade básica do indivíduo - o que remete a questões relativas à funcionalidade da relação interpessoal, apontada no item anterior como característica da organização psicológica humana. Ao mesmo tempo, a relação é o locus da construção de uma comunicação universalizada, compartilhada pelo grupo social mais amplo, e que se tornará instrumento para a constituição de outras relações dentro desse grupo - relações nas quais, novamente, sistemas de comunicação serão transformados e constituídos (Carvalho, 1992). Ritos ou códigos adaptativos e universais são, assim, faces inseparáveis de um processo histórico, ou seja, de um processo de transformação, que, através das relações sociais e do pertencimento ao grupo que envolvem constitui continuamente a identidade do ser humano individual. Idiossincrasia e universalidade são tão pouco opostos e excludentes quanto os termos de outras dicotomias clássicas: inato-adquirido, natureza-cultura, social-individual.

() questionamento dessas dicotomias, inerente a uma

tentativa de abertura para um enfoque unificado - "bio-sócio-psicológico" (Morin, 1973) ao ser humano, é uma das contribuições principais que a perspectiva etológica oferece à Psicologia e, a nosso ver, uma condição indispensável para a integração de nossos conhecimentos em uma verdadeira *ciência humana*.

Referências Bibliográficas

- Ades, C. (1986). Uma perspectiva psicoetológica para o estudo do comportamento animal. *Boletim de Psicologia*, 36, 20-30.
- Barthes, R. (1977). *Fragments d'un discours amoureux*. Paris: Éditions du Seuil.
- Blurton Jones, N. (1972). Child-child interactions. In N. Blurton Jones (Org.), *Ethological Studies of Child Behaviour*. Nova Iorque: Cambridge Univ. Press.
- Bower, T.G.R. (1977). *A primer of infant development*. São Francisco: Freeman.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and Loss*. Londres: Hogarth Press.
- Bussab, V.S.R. (1989). Comportamento humano: origens evolutivas. In C. Ades (Org.), *Etologia de animais e de homens*. São Paulo: Edusp/Edicon.
- Carvalho, A.M.A. (1988a). Etologia das relações mãe-criança no ser humano. *Anais do VI Encontro Anual de Etologia*. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 39-45.
- Carvalho, A.M.A. (1988b). Algumas reflexões sobre o uso da categoria interação social. *Anais da XVIII Reunião Anual de Psicologia* - SPRP, 511-515.
- Carvalho, A.M.A. (1989a). O lugar do biológico na Psicologia: o ponto de vista da Etologia. *Biotemas*, 2(2), 81-92.
- Carvalho, A.M.A. (1989b). Etologia e Comportamento Social. *Psicologia e Sociedade*, 5 (8), 145-163.
- Carvalho, A.M.A. (1992). Seletividade e vínculo na interação entre

- crianças. *Tese de Livre-docência*, IPUSP.
- Carvalho, A.M.A. (1993). Privileged partnerships and communication during play. *Symposium Abstracts of the XIIth Biennial Meetings of ISSBD*, p. 52.
- Eibl-Eibesfeldt, I. (1970). *Ethology - The Biology of Behaviour*. Nova Iorque: Holt, Rinehart e Winston.
- Eibl-Eibesfeldt, I. (1978) Os universais do comportamento e sua gênese. In E. Morin e M. Piatelli-Palmarini (Orgs.), *A unidade do homem - invariantes biológicos e universais culturais*, vol. 1. São Paulo: Cultrix/Edusp.
- Goffman, E. (1959). *The presentation of self in everyday life*. Nova Iorque: Doubleday.
- Harlow, H.F. e Harlow, M.K. (1969). Effects of various mother-infant relation ships on rhesus monkey behavior. In B.M.Foss (Org.), *Determinants of infant behaviour*, vol. IV. Londres: Methuen.
- Hinde, R.A. (1972). *Social behaviour and its development in sub-human primates*. Condon Lectures - Oregon State System of Higher Education, Oregon.
- Hinde, R.A. (1974). *Biological bases of human social behaviour*. Nova Iorque: McGraw-Hill.
- Hinde, R.A. (1979). *Towards understanding relationships*. Nova Iorque: Academic Press.
- Hinde, R.A. (1987a). Interpersonal relationships and child development. *Develop. Rev.*, 7, 1-21.
- Hinde, R.A. (1987b). *Individuals, relationships and culture - Links between Ethology and the social sciences*. Nova Iorque: Cambridge Univ. Press.
- Howes, C. (1987). Social competence with peers in young children: developmental sequences. *Develop. Rev.*, 7, 252-272.
- Huxley, J. (1966) (Org.) *A discussion on ritualization of behaviour in animals and man*. *Phil. Trans. Royal Soc. Brit.*, 251.